



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES  
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS

MATHEUS HENRIQUE VIEIRA

DÁ-ME UM CORAÇÃO DE CARNE: UMA ANÁLISE DO  
ARREPENDIMENTO DE AUGUSTO MATRAGA

João Pessoa  
2024

MATHEUS HENRIQUE VIEIRA

**DÁ-ME UM CORAÇÃO DE CARNE: UMA ANÁLISE DO ARREPENDIMENTO DE  
AUGUSTO MATRAGA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito básico para obtenção do grau de licenciatura em Letras Português pela Universidade Federal da Paraíba, sob orientação do Prof. Dr. Arturo Gouveia de Araújo.

João Pessoa

2024

**Catálogo na publicação**  
**Seção de Catalogação e Classificação**

V658d Vieira, Matheus Henrique.

Dá-me um coração de carne: uma análise do  
arrependimento de Augusto Matraga / Matheus Henrique  
Vieira. - João Pessoa, 2024.

26 f.

Orientador: Arturo Gouveia de Araújo.

TCC (Graduação) - Universidade Federal da  
Paraíba/Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes,  
2024.

1. Literatura Brasileira. 2. Augusto Matraga. 3.  
Arrependimento. I. Araújo, Arturo Gouveia de. II.  
Título.

UFPB/CCHLA

CDU 82

MATHEUS HENRIQUE VIEIRA

**DÁ-ME UM CORAÇÃO DE CARNE: UMA ANÁLISE DO ARREPENDIMENTO DE  
AUGUSTO MATRAGA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito básico para obtenção do grau de licenciatura em Letras Português pela Universidade Federal da Paraíba, sob orientação do Prof. Dr. Arturo Gouveia de Araújo.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof.º Dr. Arturo Gouveia de Araújo  
UFPB  
Orientador

---

Profa.º Dra. Vanessa Riambau Neves Pinheiro  
UFPB  
Examinadora

---

Profa.º Ma. Sheyla Maria Lima Oliveira  
UFPB  
Examinadora

João Pessoa, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2024

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus de quem procede toda sabedoria e boa dádiva;

À minha família em especial a minha mãe e meu pai que me deu todo apoio e estrutura para que eu pudesse terminar o curso bem;

Às minhas avós por todo o carinho e afeto durante a jornada;

Aos meus amigos de curso, Fábio de Andrade, Nathan D’Almeida e Willyan Nascimento pelo companheirismo de jornada e pela partilha significativa no decorrer de todo o curso;

À minha namorada Isadora Gomes que me suportou durante todo o processo de escrita do TCC e me ajudou com conselhos e no aporte emocional;

Aos meus professores de ensino fundamental e médio, em especial aos dois mais importantes de língua portuguesa que tive no ensino médio, Marquidove Domingos por acreditar em mim numa pesquisa em literatura brasileira que fizemos em 2016. E ao meu amigo de fé e prática, Jota Alves, o melhor professor que passou pela minha trajetória e o responsável pelo início da jornada em letras português, obrigado pelo seu amor às letras e à poesia;

Aos professores da UFPB, em especial aos de literatura a qual me recordo de frondosas e frutificas aulas;

Ao meu orientador, Arturo Gouveia de Araújo pelos ensinamentos, correções e amor pelas artes;

À UFPB por ser lugar de acolhimento e ciência, espero voltar em um futuro próximo.

*“Darei a vocês um coração novo e porei um espírito novo em vocês; tirarei de vocês o coração de pedra e, em troca, darei um coração de carne” (Ezequiel 36:26, Bíblia Sagrada)*

*“Nenhum homem sabe o quanto é mau, até se esforçar para ser bom. Só conhecemos a força do vento quando caminhamos contra ele, e não quando nos deixamos levar.” (C.S. Lewis, Cristianismo puro e simples)*

## RESUMO

Esta pesquisa se propõe a analisar o conceito de arrependimento do personagem Augusto Matraga de *A hora e Vez de Augusto Matraga*, último conto do livro *Sagarana* (2012), de João Guimarães Rosa. Para isso utilizaremos a teoria e os conceitos do filósofo Max Scheler em seu livro *Arrependimento e Renascimento* (2018) e o verbete teológico do arrependimento que está exposto no *Novo Dicionário de Teologia* (2011), além de dialogar e examinar a fortuna crítica ligada ao conto roseano para estabelecer a importância do arrependimento para a jornada da personagem. Concluímos que tanto o arrependimento como a regeneração fazem parte de um processo maior de conversão e mudança de mentalidade do coração com a qual Augusto Matraga atravessa. Esperamos que nosso trabalho se mostre útil a novos pesquisadores do tema e do conto roseano.

**Palavras-chave:** Literatura Brasileira; Augusto Matraga; Arrependimento.

## ABSTRACT

This research aims to analyze the concept of repentance of the character Augusto Matraga in João Guimarães Rosa's tale *A Hora e Vez de Augusto Matraga*, the last tale of his book *Sagarana* (2012). In order to do this we will use the concepts and theory of the philosopher Max Scheler in his book *Arrependimento e Renascimento* (2018) and the theological entry on repentance in the *Novo Dicionário de Teologia* (2011), in addition to dialoguing and examining the critical fortune linked to the rosean tale to establish the importance of repentance for the character's journey. We can conclude that repentance and regeneration are part of a larger process of conversion and change of heart mentality that Augusto Matraga goes through. We hope our work proves itself useful to new researchers of the theme and of the rosean tale.

**Keywords:** Brazilian literature; Augusto Matraga; Repentance.

## SUMÁRIO

<b>I – INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>II – APRESENTAÇÃO DA FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....</b>	<b>13</b>
1. Max Scheler: arrependimento e culpa .....	13
2. O arrependimento religioso, Ferguson e Wright .....	14
<b>III – DÁ-ME UM CORAÇÃO DE CARNE.....</b>	<b>16</b>
1. Delimitações e alguns esclarecimentos .....	17
2. Antes da armadilha.....	17
3. O processo de arrependimento .....	19
4. Regeneração .....	22
<b>IV – CONCLUSÃO .....</b>	<b>24</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>26</b>

## I – INTRODUÇÃO

O arrependimento é um tema profundamente explorado na literatura mundial e brasileira, servindo como um ponto de reflexão sobre a natureza humana, as escolhas e as consequências. Esse sentimento, que envolve a consciência de ter tomado uma decisão errada e o desejo de ter agido de outra forma, é frequentemente utilizado para explorar a complexidade das motivações e das ações dos personagens. Alguns grandes exemplos na literatura é o personagem *Ebenezer Scrooge* do “*Um Conto de Natal*”, de Charles Dickens, e as inúmeras reflexões sobre a vida e arrependimento de Santo Agostinho em suas *Confissões*.

Diante disso, este presente trabalho se propõe a analisar um conto de João Guimarães Rosa intitulado “A hora e vez de Augusto Matraga”, tendo como categoria analítica o arrependimento. Para aprofundamento do tema e análise, utilizaremos as reflexões e teorias de Max Scheler, filósofo alemão que se dedicou ao estudo do tema e reflexões sobre ética, mais precisamente no livro *Arrependimento e Renascimento*. Também aproveitaremos do verbete “arrependimento”, presente no *Novo Dicionário de Teologia*, de Sinclair Ferguson e David Wright, para aprofundamento da parte religiosa específica e indissociável da personagem.

“A hora e vez de Augusto Matraga” foi publicado pela primeira vez em 1946 como último conto do livro *Sagarana*, que expõe a vida de Nhô Augusto, ou Augusto Matraga, um personagem mau, sem escrúpulos, que nem “cobra barreada em buraco” (Rosa, 2012, p.21) e que, após uma emboscada do seu maior rival, acaba quase morto, perdendo tudo, sua influência, sua família, quando sua mulher se apaixona por outro homem, e sua filha, pela qual nunca demonstrou qualquer afeto. Salvo pelos pretos velhos de forma caridosa passa a refletir sobre a sua vida e tudo que fez, e após uma conversa com um padre, se propõe a ser um novo homem, arrependido e disposto a fazer o bem, ainda que haja conflitos entre sua vida anterior e sua nova vida, uma luta entre o bem e o mal.

*Sagarana*, um neologismo que une *saga* (de origem alemã, *sagen*) e *rana* (de origem tupi), livro de estreia de Guimarães Rosa, que revelou o autor com grande destaque, ainda possui outros oito contos que resumiremos a seguir.

O primeiro conto se chama “O burrinho pedrês”, que retrata a história de um burro chamado Sete-de Ouros, um velho burrinho que, à beira da morte, passa por sua maior aventura e demonstra seu valor e força. O segundo conto chama-se “Traços biográficos de Lalino Salatiel ou a volta do marido pródigo”, uma espécie de biografia feita por um narrador que se apresenta como um escritor e expõe um pouco da vida complexa e multifacetada de Lalino Salathiel, mostrando a linha tênue entre ficção e realidade. O terceiro conto tem como título “Sarapalha”,

um vau onde fica uma fazenda “denegrida e desmantelada”, lugar onde primo Ribeiro e primo Argemiro estão à beira da morte e lá conversam sobre a vida. O quarto conto se chama “Duelo”, que expõe a rivalidade entre Turíbio Todo e Cassiano Gomes por motivos de traição – após Turíbio pegar Cassiano Gomes com sua esposa, planeja uma vingança e mata, por engano, o irmão de Cassiano que, querendo vingança; é um conto que, terminando em um duelo, aborda temas como violência e honra. O quinto conto é “Minha gente”, narrado em primeira pessoa, um homem racional que desdenha de credices e misticismos do povo sem instrução, partindo rumo à casa de seu tio Emílio, lá encontrando algumas pessoas, entre elas Bento Porfírio, que está envolvido com uma mulher casada e acaba sendo morto pelo marido traído; ao conhecer sua prima, que está solteira, ele acaba se apaixonando, mas não é compreendido. O sexto conto é “São Marcos”, também narrado em primeira pessoa também racional, José, conhecido como Izé, médico recém-graduado que zomba das credices de João Mangolô, um curandeiro que Izé despreza pelas superstições, até que João prega uma peça em Izé, o deixando cego no meio da floresta e mostrando a verdade sobre suas “feitiçarias”. O sétimo conto é intitulado “Corpo fechado”, narrado em primeira pessoa, sobre a história de um homem chamado Manuel Fulô, o qual narra que tinha uma mula chamada beija-fulô, até que surge Targino, que promete ficar com sua noiva antes do casamento; como Targino é o valentão das redondezas, Manuel Fulô busca a ajuda do feiticeiro para “fechar o corpo” em troca da mula e com isso mata Targino e se torna o mais temido e valente da região. O oitavo conto é “Conversa de Bois”, que mostra elementos importantes do sertão mineiro, o carro de bois que atravessa a região, um corpo, os animais e o guia. O personagem Tiãozinho lida com o luto, com o trabalho desgastante e com algumas aventuras e uma espécie de transe e uma certa conversa entre bois.

Em suma, *Sagarana* é um conjunto de contos que se passa em um contexto da Primeira República do Brasil. A obra tem como pano de fundo o sertão de Minas Gerais, destacando-se por ser uma obra regionalista e que aborda temas universais como: a violência, a luta entre o bem e o mal, a existência humana, as relações de poder e a desigualdade aparente em comparação com as fundações das grandes cidades.

Sobre a fundamentação teórica, vale destacar que Max Scheler (1874-1928) foi um filósofo alemão conhecido por suas contribuições significativas à fenomenologia, à teoria dos valores e à ética. É amplamente reconhecido por suas abordagens inovadoras na compreensão da experiência humana e dos valores. Max Scheler deixou um legado importante na filosofia, especialmente por sua abordagem original sobre os valores e a experiência emocional, proporcionando uma perspectiva rica e complexa sobre a natureza da moralidade. O *Novo*

*Dicionário de Teologia* (em inglês, *New Dictionary of Theology*), editado por Sinclair Ferguson, é uma obra de referência importante no campo da teologia cristã. Publicado pela editora InterVarsity Press (em inglês) e pela editora Hagnos (em português), este dicionário busca fornecer uma visão abrangente e acessível dos verbetes mais importantes. Dentre os autores estão Sinclair Ferguson, teólogo escocês e professor de teologia sistemática, e David Wright (1937–2008), nascido na Inglaterra, que lecionou por quase meio século Patrística e Reforma Protestante no New College da Universidade de Edimburgo, na Escócia. Foi o editor do *The Scottish Bulletin of Evangelical Theology*.

Através de pesquisas e livros, site de internet, artigos e ensaios, pudemos encontrar trabalhos semelhantes dentre os achados. Selecionamos dois ensaios com os quais dialogaremos: o estudo de Galvão (2008), em especial o ensaio “Matraga: sua marca”, em que a autora destaca a marca e um “antes e depois” do personagem e questões sobre simbolismo; dialogaremos também com um ensaio de Cardoso (2021), que trata da conversão espiritual, relacionando Augusto Matraga a um conto de Flaubert. Buscaremos, assim, dialogar e demonstrar como o arrependimento se dá como um processo ligado à conversão, sendo fundamental e sendo também o ponto de partida de uma transformação pessoal que culmina na conversão.

A escolha de *A hora e vez* de Augusto Matraga como *corpus* do trabalho se justifica por apresentar uma natureza criativa na construção da saga do herói, o qual, segundo Rónai (2001), no texto presente na edição de *Sagarana*, diz ser “Aplicação ainda mais perfeita” do processo de narrar e da construção de um personagem. Temos assim uma complexa e nova imagem de “herói”, como afirma Nelly Novaes Coelho (1975, p. 59) em seu estudo sobre a obra de Guimarães Rosa:

Não seria por acaso que Guimarães Rosa escolheu — *A Hora e Vez* de Augusto Matraga para encerrar a coletânea reunida em *Sagarana*. Projetada no plano transreal (para além do que a narrativa revela no plano da efabulação), ela se revela como uma perfeita alegoria da passagem do homem cristão pela terra. Mas do cristão primitivo e rude, ainda não domado pelo refinamento espiritual e pelas fórmulas civilizadas do convívio social e humano. (Coelho, 1975, p.59)

Além disso, o próprio Guimarães Rosa afirma, em carta presente em uma das edições de *Sagarana* (2001), intitulada “Carta de João Guimarães Rosa a João Condé, revelando segredos de *Sagarana*”, que *A hora e vez* de Augusto Matraga é “... a síntese e chave para todas

as outras histórias...” e que representa “uma vitória íntima” que, desde o início do livro, era o estilo que procurava descobrir. Com relação à base teórica, escolha de Max Scheler foi feita devido ao seu profundo estudo sobre o arrependimento. Da mesma forma, o conceito de arrependimento que Ferguson e Wright (2011) apresentam no *Novo Dicionário de Teologia* é pertinente, pois evoca também a parte espiritual e religiosa do processo de arrependimento, parte indissociável da construção de uma mudança radical de comportamento.

## II – APRESENTAÇÃO DA FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Iniciamos nossa pesquisa delineando os pressupostos teóricos que fundamentam nossa análise. Para um conceito mais amplo amparado na filosofia, trabalharemos com o conceito de arrependimento proposto por Max Scheler. E, para um conceito especialmente cristão, utilizaremos como base da pesquisa o verbete “arrependimento”, contido no Novo dicionário de Teologia organizado por Sinclair Ferguson e David Wright.

### 1. Max Scheler: arrependimento e culpa

Max Scheler (1874-1928) foi um filósofo inserido na corrente fenomenológica alemã, todavia a sua originalidade fez com que alguns estudiosos não conseguissem inseri-lo em determinados movimentos fenomenológicos, como afirma o filósofo Robert Sokolowski:

Scheler não pode ser colocado claramente dentro do movimento fenomenológico como Husserl e Heidegger; ele foi um pensador independente que às vezes desenvolveu e comentou os temas fenomenológicos, e em outras, criticou e distanciou-se dessa forma de filosofia. O que lhe faz parecer ser um fenomenólogo é que ele dá atenção a problemas específicos concretos, especialmente problemas humanos como religião, simpatia, amor, ódio, emoções e valores morais, e analisa-os em detalhes. Sua afiliação marginal com a fenomenologia ajudou a popularizar o movimento, mas ele também se moveu livremente fora dele. (Sokolowski, 2012, p. 230)

De acordo com essa afirmação, Scheler possui um cunho de originalidade e um pouco de distanciamento dos fatores fenomenológicos originais, principalmente quando introduziu no método husserliano elementos sentimentais como: amor, simpatia, ódio, arrependimento, valores morais e religião. Com isso sua filosofia recepcionou elementos do pensamento de Santo Agostinho e Blaise Pascal, além de princípios próximos a uma metafísica cristã.

Scheler faz duras críticas à forma como a filosofia trata o arrependimento como sentimento desprovido de sentido e finalidade e completamente paralisante. Sobre essas teses (Scheler 2018, p.19), afirma: “[...] o arrependimento é considerado do ponto de vista moral,

uma forma de auto-restabelecimento da alma – sim, o único caminho para a re-obtenção das suas forças perdidas.”

Ao buscar respostas para o motivo de o arrependimento ser algo considerado de menor importância na filosofia (Scheler 2018, p.19), conclui: “é uma representação falsa a respeito da conexão estrutural interna da nossa vida espiritual”, ou seja, por ter uma forte relação com a espiritualidade, se entende como algo de intenção subjetiva e uma camada mais profunda da peculiaridade do indivíduo.

Segundo Scheler (2018), o arrependimento busca a regeneração do indivíduo para o nosso eu-próprio se tornar mais livre e melhor: “Arrependemo-nos quer dizer, primeiramente, ao voltarmos-nos para uma porção do passado da nossa vida, cunhar uma porção de novo elemento de valor” (Scheler, 2018. p. 24). Esse novo elemento de valor pode ser tanto a reparação do mal quanto a mudança completa do ser humano por, geralmente, uma nova finalidade.

Scheler, ao definir arrependimento, faz a distinção com a “culpa” e a “lembrança”, mostrando suas diferenças, mas concluindo que a culpa e a lembrança fazem parte do arrependimento. A culpa, para Scheler (2018), é o sentimento de lembrar algo passado, mas se manter alheio ou estático perante a lembrança; e a lembrança seria o recordar algo ruim ou nostálgico que determinada ação fez acontecer. Segundo Scheler (2018), o arrependimento leva em conta a culpa e a lembrança, mas encaminha o indivíduo para uma mudança daquilo que o autor chama de “regeneração”. Essa regeneração nada mais é que uma transformação que faz com que a disposição do indivíduo mude conforme aquela ação lembrada e que gerava culpa, e com essa nova disposição a culpa, que antes limitava e incomodava, já não incomoda mais. Ao mostrar o arrependimento como um estágio superior à culpa, pois o estado primário de culpa aprisiona e paralisa (Scheler 2018, p.24) diz: “Não é a culpa de que nos arrependemos, mas apenas a de que não nos arrependemos que exerce aquela violência marcante e aprisionadora sobre o futuro da vida. O arrependimento mata o nervo vital da culpa por meio do qual ela continua efetiva” (Scheler, 2018, p.24).

Outra contribuição importante de Scheler (2018) é o conceito de que um arrependimento totalitário só faz sentido dentro da doutrina cristã e com o contributo da graça de Deus, o que seria o primeiro passo para uma conversão genuína e total.

## 2. O arrependimento religioso, Ferguson e Wright

O conto rosiano proporciona um contexto doutrinário da religião católica no que compete ao arrependimento e à conversão. Por essa razão, o entendimento específico e religioso

do conceito de arrependimento, à luz de Ferguson e Wright (2011) no *Novo Dicionário de Teologia* é bastante relevante para a análise. Segundo Ferguson e Wright (2011), o arrependimento tem nuances de definições que variam do Antigo Testamento para o Novo Testamento. No Antigo Testamento, o arrependimento se caracteriza como a volta de Israel para o seu Deus, ou seja, o significado possui um contexto nacional, em específico, a nação de Israel. Já no Novo Testamento, o caráter do arrependimento está ligado ao indivíduo e sua mudança de comportamento, deixando de ser uma experiência coletiva para ser uma experiência entre quem o indivíduo era e quem ele poderia ser.

Devido à diferença entre o arrependimento do Antigo Testamento, que evoca aspectos do povo de Israel, e do Novo Testamento, que mostra uma experiência individual, a definição do arrependimento pessoal é pertinente para uma análise mais profunda e uma associação com o personagem em estudo.

A definição apontada pelos autores na teologia coaduna bastante com a proposta por Max Scheler de que o arrependimento é uma mudança de disposição ao fazer com que o indivíduo se volte para quem ele era e julgue a si próprio como um miserável e pecador; e, depois disso, o indivíduo precisa fazer uma avaliação das exigências de Deus sobre o comportamento humano. Sendo assim, não é puramente uma disposição mental de força de vontade, mas sim uma mudança completa tanto na atitude religiosa quanto em uma nova conduta em todos os âmbitos da vida.

Apesar de serem conceitos parecidos, Ferguson e Wright (2011) trazem o elemento da fé, indissociável ao arrependimento e graça de Deus, como coparticipante nesse processo de mudança de atitude e de transformação. Além disso, os autores enfatizam que só pelo arrependimento e pela fé, como em algumas passagens bíblicas, é possível se aproximar de Deus e receber perdão.

Eis a definição de arrependimento no Novo Testamento, nas palavras de Ferguson e Wright:

As palavras gregas usadas por todo o NT são principalmente formas relacionadas ao verbo *metanoein*, “mudar a mente de alguém”. Essa breve expressão quer significar toda uma mudança radical na disposição do indivíduo, sendo a mudança de mente referente ao seu julgamento sobre si próprio e seu pecado, juntamente com uma avaliação das exigências de Deus a respeito de sua pessoa. A transformação aí implícita não é, portanto, uma simples questão de julgamento mental, mas, sim, de uma nova atitude religiosa e moral (a volta a Deus, ITs 1.19) e uma nova conduta (At 26.20), como a pregação de João fazia ver com toda a clareza. (Ferguson & Wright, p.94-95)

Apesar de ser um processo de mudança na vida do ser humano, os autores afirmam que o arrependimento não é um processo totalmente humano, mas sim da graça de Deus por meio da fé:

Sendo o arrependimento dirigido a Deus e afirmando novos princípios de vida, é inseparável da fé\*, pela qual, somente, vem o conhecimento de Deus. É uma sensível distorção das Escrituras separar o arrependimento da fé, como se o primeiro fosse, em algum sentido, uma condição para se ter a última. Isso está claro no fato de que a pregação dos apóstolos instava as pessoas, algumas vezes, a se arrependem (At 2.38; 17.30; 26.20), mas, em outras ocasiões, a crer (At 13.38-41; 16.31). Do mesmo modo, o perdão dos pecados resulta do arrependimento e da fé (At 2.38; 3.19; 10.43). O arrependimento e a fé são assim, simplesmente, dois aspectos de uma mesma ação, muito embora, no caso da fé, é bem verdade, o NT enfatize uma conscientização de Cristo (At 20.21). Tal como a fé, o arrependimento é considerado, portanto, um dom de Deus (At 5.31; 11.15-18; 2Tm 2.25). (Ferguson & Wright, p. 94-95)

A fé e o arrependimento como dons de Deus formulam em si dois aspectos de uma mesma interação em prol da mudança de atitude e de comportamento do ser humano, enquanto o arrependimento faz o homem voltar e perceber o que ele fez e quem ele era. A fé mostra um caminho a seguir com base nos princípios de Deus. É bom lembrar, como afirmam Ferguson e Wright (2011), que o arrependimento não é um processo estático e automático, mas sim um contínuo processo de luta diária com o “eu” do passado.

Outro ponto importante é a definição de outro termo teológico que é o da conversão, Segundo Ferguson e Wright (2011) é um termo que pode ser usado em diversas áreas como a teologia, psicologia e filosofia. Além disso, Ferguson e Wright definem a conversão religiosa:

Na teologia cristã, a conversão pode se distinguir do renascimento espiritual, ou regeneração\*. A conversão é o ato de voltar-se do pecado e do eu em direção a Deus, mediante Jesus Cristo, quase sempre como resultado de alguma forma de pregação cristã. Em determinado ponto no processo, Deus, por sua graça\*, regenera o crente e lhe dá a vida eterna (Rm 6.23; 2Co 5.17). De acordo com o ensino do NT, ambas as ações são simbolizadas no batismo\*, que expressa tanto o processo envolvido na conversão quanto o momento exato da regeneração. A regeneração e a conversão incluem, assim, uma participação de Deus e uma do homem. Da parte humana, está o arrependimento\* (ou mudança de mente) e a fé salvífica\* (Mc 1.15), resultando em nova orientação individual (Rm 6.11). Mas o início do processo da conversão é uma resposta à obra de Jesus Cristo (Ferguson e Wright, 2011, p.243)

Este conceito é importante para algumas distinções entre arrependimento que possui ligação com a fé e é o primeiro passo na jornada da conversão, enquanto a conversão é uma resposta à obra de Jesus Cristo, ou seja, um passo seguinte ao processo de arrependimento. Além disso é um processo que exige a participação efetiva de Deus.

### **III – DÁ-ME UM CORAÇÃO DE CARNE**

## 1. Delimitações e alguns esclarecimentos

O termo *arrependimento* pode ser confundido com *conversão espiritual*, pois tanto na obra quanto em alguns documentos se interligam. Por isso, cabe a nós a lacuna deixada por Cardoso (2021, p.122) que, ao falar sobre *conversão espiritual*, utiliza a definição retirada do Catecismo da Igreja Católica, enumerando as três partes necessárias para a conversão espiritual: “a contrição (que tem a ver com o arrependimento dos pecados), 2) a confissão dos pecados (assumir os erros e não hesitar em apresenta-los à Igreja na figura do sacerdote), 3) a satisfação (a reparação do mal realizado por meio da expiação dos pecados cometidos).”

Essa definição nos ajuda a delimitar o nosso trabalho, que tem como objetivo analisar de forma mais profunda a primeira parte das três necessárias para a conversão espiritual, a *contrição* ou o (arrependimento dos pecados).

Outra questão de nossa análise é que não abarcaremos algumas outras fases da personagem, como a tentação com o aparecimento de seu Joãozinho Bem-bem no Tombador, a sua morte e seu derradeiro fim, pois acreditamos que sua morte ultrapassa os limites do arrependimento analisado e culmina em uma redundância de trabalhos, como o de Cardoso (2021). Por esses motivos nos deteremos na análise em três partes, como Augusto era antes da armadilha que foi feita para o matar para demonstrar sua vida antes do arrependimento, no processo de arrependimento enquanto ferido na casa dos pretos velhos e os primeiros sinais de mudança ainda com os pretos velhos.

Dessa forma, passaremos por questões como conversão espiritual e demais questões relacionadas, porque de algum modo há essa convergência, mas o nosso foco é o arrependimento do protagonista.

## 2. Antes da armadilha

Augusto Matraga, ou Nhô Augusto, suscita diversas análises por sua complexidade e suas simbologias. Era casado com Dona Dionóra e tinha uma filha com ela, mas não era um bom marido e nem um bom pai, a ponto de a própria filha perguntar o motivo de o pai não gostar delas. Uma das falas de Diônora mostra como era a relação entre eles:

[...] duro, doido e sem detença, como um bicho grande do mato. E, em casa, sempre fechado bem si. Nem com a menina se importava. Dela, Dionóra, gostava, às vezes; da sua boca, das suas carnes. Só. No mais, sempre com capangas, com mulheres perdidas, com o que houvesse de pior (Rosa, 2012, p.13).

A grosseria e violência com a família fez com que, em certa ocasião, sua filha indagasse a Dionóra se o pai gostava das duas. Dionóra, ao falar um pouco mais sobre Augusto Esteves, entra um pouco mais a fundo em sua família e sua origem, e também em sua criação:

Mãe do Nhô Augusto morreu, com ele ainda pequeno...Teu sogro era um leso, não pra chefe de família... Pai era como que Nhô Augusto não tivesse... Um tio era criminoso, de mais de uma morte, que vivia escondido, lá no Saco-da-Embira... Quem criou Nhô Augusto foi a avó... Queria o menino para padre... Rezar, rezar, o tempo todo, santimônia e ladainha... (Rosa, 2012, p.15).

Nesse ínterim, Dionóra encontra um novo amor, seu Ovídio Moura, e mesmo com medo decide ir embora com ele, pois é alguém que a respeita e lhe dá atenção. Quim Recadeiro fica sabendo momentos antes de Seu Ovídio partir escondido com Dionóra e na presença dos dois tomado por uma coragem, grita: “Homem sujo!... Tomara que uma coruja ache graça em tua porta!...” (Rosa, 2012, p.16)

Diante disso, quando Quim vem com a notícia da ida de sua mulher e filha, ou seja, da traição de Dionóra, Augusto se vê furioso e decide mandar Quim ir atrás de seus capangas para vingar a traição de sua esposa. Só que Quim chama atenção para outra novidade: seus capangas lhe negam auxílio e agora estão trabalhando para o inimigo do seu pai, o Major Consilva. Sobre essa notícia, Quim comenta:

- Mal em mim não veja, meu patrão Nhô Augusto, mas todos no lugar estão falando que o senhor não possui mais nada, que perdeu suas fazendas e riquezas, e que vai ficar pobre, no já-já... E estão conversando, O major mais outros grandes, querendo o senhor à traição. Estão espalhando...- O senhor dê o perdão pr’a minha boca, que eu só falo o que é preciso – estão dizendo que o senhor nunca respeitou filha dos outros nem mulher casada, e mais que é que nem cobra má, quem vê tem que matar por obrigação... Estou lhe contando pr’a modo de o senhor não querer facilitar. Carece de achar outros companheiros bons, pr’a o senhor não ir sozinho... Eu, não, porque sou medroso. Eu cá pouco presto..., mas, se o senhor mandar, também vou junto (Rosa, 2012, p.17).

É nesse ínterim que Augusto, em consequência a seu comportamento e aos acordos que fizera, acaba caindo numa emboscada feita por seus antigos homens de confiança (aos quais devia pagamento) e por seu inimigo, o Major Consilva. Nessa armadilha, Nhô Augusto acaba ferrado como um animal e quase morto. Mesmo que a emboscada não tenha resultado em sua morte, os homens deram-lhe uma marca, sobre a qual Galvão afirma (Galvão 2008, p.55):

O triângulo de Matraga está inscrito numa circunferência. Esta, por sua vez, parece ser o mais primevo grafismo humano, e nas mais antigas cavernas dos trogloditas se encontram toscos desenhos do chamado disco solar. Em todas as religiões e em todas as seitas esotéricas, como a Cabala e a Alquimia, a circunferência e o círculo significam conceitos tão amplos e tão abstratos quanto a eternidade,

o universo, a divindade, a perfeição, alguns dos quais eles compartilham com o triângulo (Galvão, 2008, p.55).

A marca é um ponto de virada da narrativa, simbolizando uma forma de desmoralização a qual Galvão (2008, p.56) chama de “marca ignominiosa”, que confere e assinala que o portador é um criminoso ou um escravo, diferente da marca de pertença que, segundo o mesmo estudo, é uma “marca de eleição”. Com isso, a marca fincada em Nhô Augusto simbolizava mais que uma derrocada, e sim uma forma de desmoralização por parte do seu maior rival.

De acordo com (Scheler 2018, p.31): “Está inteiramente certo que o insucesso ou as consequências prejudiciais de uma má ação mais facilmente dispõem fraqueza humana para o arrependimento do que o resultado positiva”.

Sendo assim, a emboscada e derrocada de Nhô Augusto simbolizavam algo mais do que somente as perdas materiais e familiares, e sim o princípio de uma transformação de paradigma entre a “marca ignominiosa” para a “marca de pertença”, mudança essa cujo primeiro exemplo, como menciona Galvão (2008, p.63), é Cristo.

Em seguida, é salvo por dois pretos velhos, Mãe Quitéria e Pai Serapião, pretos velhos esses que, segundo Araujo (2021), são uma exceção no conto, pois o ajudam sem nenhum tipo de autopromoção, reforçando assim um princípio de caridade, mesmo Augusto pedindo para os pretos o matarem de vez. Mesmo assim, Dona Quitéria resmungou: “[...] este homem deve ser ruim feito cascavel barreada em buraco, porque está variando que faz e acontece, e é só braveza de matar e sangrar... E ele chama por Deus, na hora da dor forte, e Deus não atende, nem para um fôlego, assim num desamparo que eu nunca vi!” (Rosa, 2012, p. 21).

Augusto estava à beira da morte, sem sua família, seus homens e sua honra, havia apenas um casal que por caridade o acolhe sem o conhecer, toma conta dele e de seus ferimentos, na jornada, por uma mudança radical de atitude.

### 3. O processo de arrependimento

Essa segunda parte da análise trará o enfoque no processo de arrependimento de Augusto Matraga enquanto tratado e cuidado pelos pretos velhos.

Em meio aos cuidados, em certo momento, Augusto começa a chorar chamando sua mãe e o casal se sensibiliza. Mãe Quitéria tenta acalmá-lo, dizendo: “Não faz assim, seu moço, não desespera. Reza, que Deus endireita tudo... P’ra tudo Deus dá o jeito” (Rosa, 2012, p.22).

Os pretos velhos, principalmente Mãe Quitéria, possuem um forte comprometimento com o processo de arrependimento de Nhô Augusto, pois, além de cuidarem dos seus

ferimentos, cuidam também da parte emocional e espiritual da personagem. Isso comprova o que Cardoso (2021) expõe sobre Mãe Quitéria: além de ser uma cuidadora caridosa e bondosa, tal como a narrativa do *bom samaritano*<sup>1</sup> presente no relato bíblico, é também uma figura que ajuda Augusto no processo de arrependimento e conversão, sendo a precursora de um olhar religioso para um homem em ruínas.

É preciso fazer uma alusão ao universo dos estudos literários em que identificamos uma discussão de Galvão (2008) importante ao nosso estudo. No texto “Literatura e estudos de religião”, Galvão (2008, p.131) afirma que: “A religiosidade rústica brasileira perpassa toda a obra de Guimarães Rosa, como nenhuma outra em nossa literatura”. E, nesse mesmo texto, aponta que Nhô Augusto faz parte de um “arquetipo de conversão”, tal como Paulo a caminho de Damasco. Ou seja, precisou passar por um processo de quase morte que lhe proporcionasse uma visão transformada do mundo à sua volta, como o personagem bíblico.

Retornando ao conto, Augusto começa a lembrar do seu passado e ter saudades do que tinha; além disso começa a sentir culpa do que viveu, essas memórias trazem à tona a sua vida anterior, que julga e paralisa o condenando como mal e como se aquele estado moribundo fosse o seu fim. O arrependimento está intimamente ligado ao passado e possui caráter de juiz (Scheler, 2018). Notamos isso quando, após ser tratado das feridas pelos velhos, Matraga começa a sentir a primeira dose de arrependimento da vida que tinha, lembrando de sua mulher e filha, só que agora não tinha raiva e nem sofrimento, nesse meio tempo ele foi tomado por uma tristeza:

Uma tristeza mansa, com muita saudade da mulher e da filha, e com um dó imenso de si mesmo. Tudo perdido! O resto, ainda podia..., mas ter sua família direito, outra vez, nunca. Nem a filha... Para sempre... E era como se tivesse caído num fundo de um abismo, em outro mundo distante. (Rosa, 2012, p.22)

Esse sentimento de tristeza e dor ao olhar o passado é o começo do processo de arrependimento pelo qual Augusto irá passar e isso é muito convincente para uma primeira tomada de consciência da personagem. Essa dor e sofrimento, de acordo com Scheler (2018, p.13), “estão colados na imagem, eles não estão colados no acto, que ficou lá atrás tão quieto e silencioso – e só nos seus efeitos (dos quais também esta imagem é ainda um efeito) convincente para o arrependimento”.

---

<sup>1</sup> Parábola bíblica contada por Jesus retratada em Lucas 10:25-37 que mostra uma grande disposição de ajudar alguém sem nenhum tipo de vantagem.

Após as lembranças e os momentos de tristeza, Nhô Augusto faz uma exclamação voluntária de alguém que está cansado e quer mudar o paradigma da sua vida para Mãe Quitéria: “Se eu pudesse pelo menos ter a absolvição dos meus pecados!...” (Rosa, 2012, p.23). Além disso Augusto pergunta “[...] será que Deus vai ter pena de mim, com tanta ruidande que fiz, e tendo nas costas tanto peado mortal?!” (Rosa, 2012. P.23). Mãe Quitéria ao ouvir o lamento de Augusto responde “Deus mede a espora pela rédea, e não tira o estribo do pé de arrependido nenhum...” (Rosa, 2012, p.23).

Depois dessa afirmação, os pretos velhos decidem trazer escondido, numa noite, um padre, para que Augusto pudesse confessar os seus pecados. Como afirma Cardoso, com base no *Catecismo da Igreja Católica*:

Mãe Quitéria se mostra adepta ao catolicismo e viabiliza a presença de um padre para que seu protegido possa vivenciar o Sacramento da Penitência, ou seja para que ele passe [...] pela: a) contrição (o arrependimento dos pecados), b) confissão dos pecados (assumir os erros diante sacerdote c) satisfação (a reparação do mal causado por meio da expiação dos pecados cometidos). (Cardoso, 2021, p.142).

Quando o padre chega, faz um longo sermão para Augusto e dá alguns conselhos para continuar a viver e ter mais alegria. Nesse momento, o padre mostrou que Augusto estava em processo de arrependimento e confirmou ser este junto com a fé, o que atesta o argumento de Ferguson e Wright de que é parte da graça de Deus:

Entregue sua vida Deus e faça penitência. Sua vida foi entortada no verde, mas não fique triste, de modo nenhum, porque a tristeza é aboio de chamar o demônio, e o Reino do Céu, que é o que vale, ninguém tira de sua algibeira, desde que você esteja com a graça de Deus, que ele não regateia a nenhum coração contrito. (Rosa, 2012, p.23)

O padre deu um longo sermão e uma ordem de trabalhar por três pessoas, de ajudar os pretos velhos e as demais pessoas, como penitência. Além disso, de deixar de tristeza e de rezar sempre, não pensar em mulheres nem em vingança, “fazendo de conta que a vida é um dia de capina com sol quente que às vezes custa a passar, mas sempre passa” (Rosa, 2012, p.23).

A conversa, o sermão e a penitência do padre alinham Augusto a uma mudança de postura de serviço, trabalho e mudança de pensamentos para que surja uma transformação mental e espiritual, lograda pela graça de Deus e pela fé. Esse encontro muda substancialmente a vida de Augusto e começa um processo com uma finalidade, o arrependimento. O padre, além de o ajudar, também de forma profética lhe avisa que: “Você ainda pode ter muito pedaço bom de alegria... Cada um tem sua hora e sua vez: você há de ter a sua”. (Rosa, 2012. p.24). Outro conselho importante que o padre deu foi que quando Augusto se sentisse desanimado e com os

pensamentos ruins e lidar com seu mau gênio foi pronunciar a seguinte jaculatória<sup>2</sup>, “Jesus manso e humilde de coração, fazei meu coração semelhante ao vosso...” (Rosa, 2012, p. 23). Esse conselho de moldar os pensamentos e o coração encheu Augusto de esperança e o ajudou a seguir a sua jornada.

O arrependimento traz consigo uma finalidade definida que Scheler anuncia e corrobora com a visão bíblica e teológica do “*metanoien*”, de mudar a mente, mas também a construção de um novo coração:

Pois não há nenhum arrependimento que não traga já consigo, desde o seu início, o plano de construção de um <<novo coração>>. O arrependimento só mata pra criar. Ele só aniquila para edificar. Sim, ele já constrói quando ainda parece aniquilar. Portanto, o arrependimento é a força estrondosa do feito naquele espantoso processo a que o evangelho chama <<renascimento>> de um novo homem a partir do <<velho Adão>>, a que chama acolhimento de um <<novo coração>> (Scheler, 2018, p.58)

No próximo tópico, trataremos dessas mudanças internas que resultaram na confissão, sermão e conversa com o padre na vida de Augusto e como esse “novo coração” apontado por Scheler começa a aparecer de forma concreta na vida da personagem.

#### 4. Regeneração

Segundo Scheler (2018) O arrependimento é a poderosa fonte de regeneração moral o qual desfaz o morrer constante da culpa e propicia um novo olhar para o futuro e para uma nova condição moral. O processo de arrependimento de Augusto após a conversa e sermão do padre acontece de forma lenta e gradual, a viver um dia após o outro, ajudando as pessoas e lutando contra si mesmo: “Somente essas coisas o ocupavam, porque para ele, férias feitas, a vida já se acabara, e só esperava era a salvação da sua alma e a misericórdia de Deus Nosso Senhor.” (Rosa, 2012. p.24). A ocupação com base na penitência sugerida pelo padre e as rezas que Nhô Augusto fazia o deixavam cada vez mais longe daquele eu antigo. A sua vida agora, sem capangas, em ruínas e cheio de culpa, são as maiores forças para a mudança proposta pelo arrependimento e regeneração. Sobre essa questão, Scheler (2018, p.31) declara: “[...] o dano de saúde, a doença, etc., enquanto consequências de excessos culpabilizáveis, e também o castigo, a reprimenda, com frequência só desencadeiam o acto de arrependimento através do mundo exterior onde ele talvez não fosse desencadeado sem este”.

---

<sup>2</sup> Jaculatória vem do latim “jato” é uma oração direta a Deus que pode ser feita ao longo do dia.

A regeneração proposta por Scheler (2018), e de acordo com Ferguson e Wright (2011), mostra que o passo seguinte é a mudança com relação ao fato ocorrido e uma mudança de mentalidade total. No caso de Augusto Matraga, pela doutrina cristã e os afazeres da penitência, essa regeneração, conforme Scheler, é importante para um novo início, uma nova disposição de vida, “[...]espontâneo início, começo virgem de uma nova série vital, a qual agora pode irromper do centro da personalidade que, por força do acto do arrependimento, não mais está aprisionada.” (Scheler, 2018, p.25). Portanto, o arrependimento é como um rejuvenescedor moral, uma força capaz de sufocar a culpa e mantê-la numa nova condição de liberdade.

Augusto começou a trabalhar por três, como o padre aconselhara, e não demorou muito para o processo contínuo de arrependimento afetar os seus pensamentos. Seu corpo estava esgotado do trabalho sob o sol e continuava a tomar horror às suas maldades e malfeitos passados, as suas ideias estavam confusas, o narrador diz: “Espantava as ideias tristes, e, com o passar do tempo, tudo isso lhe foi dando uma espécie nova e mui serena de alegria. Esteve resignado, e fazia compridos processos na senda da conversão” (Rosa, 2012, p.24). Em certo momento, Augusto se viu tão ocupado e preocupado com a missão que o padre lhe sugerira. No meio de suas rezas começa a sentir um impulso negativo com relação aos maus feitos com sua família, mas dessa vez “Sem raiva e sem sofrimento” (Rosa, 2012, p.22). Dias seguintes, começou a sentir “[...]tão grande horror às suas maldades e aos seus malfeitos passados, que nem podia se lembrar; só mesmo rezando.”

A tristeza anterior da personagem pela vida passada ainda o acusa e desalinha, mas, com o passar do tempo e com seu árduo trabalho e reza para o seu Deus, os processos foram ficando cada vez mais alegres e menos penosos, (Scheler 2018, p.56) ao discutir sobre essa relação diz “este é o grande paradoxo do arrependimento, que ele olha para trás cheio de lágrimas nos olhos – e todavia, alegre e poderosamente actua no sentido do futuro, da renovação, da libertação da morte moral.” Com isso, ele foi se tornando uma pessoa mais bondosa e amorosa para os outros, como diz o texto: “Capinava para si e para os vizinhos do seu fogo, no querer de repartir, dando de amor o que possuísse” (Rosa, 2012, p.25). Matraga mudou sua vida, seus comportamentos e sua conduta, para se parecer mais com Jesus Cristo e seguir o conselho do padre: “Não fumava mais, não bebia, não olhava para o bom- parecer das mulheres, não falava junto em discussão” (Rosa, 2012, p.27). Nhô Augusto já não era o mesmo, e certo dia sentiu-se ainda mais diferente do que era:

Então, tudo estava mesmo muito mudado, e Nhô Augusto, de repente, pensou com a ideia muito fácil, e o corpo muito bom. Quis se assustar, mas se riu: - Deus está tirando o saco das minhas costas, mãe Quitéria! Agora eu sei que ele está se lembrando de mim... (Rosa, 2012, p.31).

Nesse momento Nhô Augusto sente a alegria de um coração arrependido e entra no ápice do processo de regeneração de vida e conversão geral. O arrependimento sai da origem do feito e leva em conta todo o contexto de Augusto. A regeneração, o fardo dos maus feitos, o peso e os horrores do passado estavam esvanecendo e ele os podia sentir indo embora. O arrependimento, além de promover uma reflexão e mudança total de mentalidade e conduta, introduz Matraga em uma leveza que ele nunca sentira antes, a leveza de estar no caminho certo e à espera da sua hora e vez. Matraga já não é mais o mesmo de antes da emboscada, agora é um homem arrependido com sua fé em Deus, à espera da sua hora de ir para o céu, nem que seja a “porrete” (Rosa, 2012, p.27).

#### **IV – CONCLUSÃO**

Através da nossa pesquisa e análise, conseguimos investigar a questão do arrependimento da personagem e como isso é a base para a sua conversão e mudança de atitude. Com base em Max Scheler, definimos o arrependimento e sua forte ligação com a doutrina cristã e a sua diferença com a culpa. Mostramos também a exposição teológica do verbete “arrependimento” para uma exemplificação mais detalhada e específica dentro de um contexto religioso em que a obra está inserida. Dessa forma, concluimos que o arrependimento é o primeiro passo para conversão espiritual e a mudança de paradigma de um estado a outro, o que Max Scheler chama de regeneração.

Podemos perceber a importância do conceito de Max Scheler sobre o arrependimento na obra analisada e como seu pensamento possui desdobramentos em outras áreas como a teologia e a literatura. Notamos uma escassez de trabalhos sobre o conceito e o tema do arrependimento em literatura brasileira e percebemos que é um tema importante na obra Roseana como um todo.

Outra questão importante foi a integração do conceito teológico de arrependimento que acrescentou desdobramentos e nuances que a filosofia e a literatura não alcançaram em suas teias mostrando a relevância de cada campo e de como a literatura como diz o crítico literário (Northrop Frye, 2017, p.92) “A literatura é um apocalipse humano, a revelação do homem a si mesmo [...]”. No entanto é importante lembrar, como afirma (Araujo, 2021, p.112) “o conto não é teológico, mas tem um teor simbólico que demanda leituras afins.”

Reconhecemos que nossa pesquisa poderia ter se aprofundado mais com elementos até psicológicos do arrependimento, a ligação de Augusto com sua filha e com sua esposa Dionóra, além de uma possível recuperação bibliográfica de outros contos roseanos com o tema do

arrependimento. Num futuro próximo estaremos ampliando as pesquisas no que compete aquilo que Galvão (2008) chama de arquétipo de conversão.

Um possível desdobramento deste trabalho seria o aprofundamento em temas ligados a filosofia no campo da literatura e uma aproximação entre a teologia e as letras, ligando o personagem Augusto Matraga em outros temas importantes como a violência, o sofrimento, o martírio, a piedade, a penitência. Outro desdobramento possível seria uma análise da figura de Augusto, comparando-o com personagens bíblicos como Caim pela semelhança com a marca, Jonas pela história de quase morte e Jó pelo sofrimento. Outros personagens pouco estudados como Mãe Quitéria e Pai Serapião, Quim Recadeiro e sua fidelidade, o padre e sua promoção de esperança ao moribundo Augusto.

Esperamos que nosso trabalho auxilie novos pesquisadores sobre o tema do arrependimento e sua conexão teológica e literária e que nossa análise possa contribuir para a extensa fortuna crítica do conto roseano.

## REFERÊNCIAS

ARAUJO, Arturo Gouveia de (comp.). A fraternidade como exceção. In: ARAUJO, Arturo Gouveia de (org.). **Da ignomínia à pertença**: nove ensaios sobre augusto matraga. Cotia: Cajuína, 2021. p. 89-117.

BÍBLIA - **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulos, 2002.

CARDOSO, Cícero Émerson do Nascimento (comp.). Sobre conversão Espiritual: Guimarães Rosa e Gustave Flaubert. In: ARAUJO, Arturo Gouveia de (org.). **Da ignomínia à pertença**: nove ensaios sobre augusto matraga. Cotia: Cajuína, 2021. p. 117-151.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

CANDIDO, Antonio. **Notas de crítica literária: Sagarana**. In: Textos de intervenção. São Paulo: Editora 34; Duas Cidades, 2002.

COELHO, Nelly Novaes; VERSIANI, Ivana. **Guimarães Rosa: dois estudos**. São Paulo, Quíron; Brasília, INL, 1975.

FERGUSON, Sinclair B.; WRIGHT, David F..**Novo Dicionário de Teologia**. São Paulo: Hagnos, 2011.

FRYE, Northrop. **A imaginação educada**. Campinas, SP: Vide Editorial, 2017.

GALVÃO, Walnice Nogueira. Literatura e estudos de religião. In: **Mínima mímica: ensaios sobre Guimarães Rosa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

\_\_\_\_\_. Matraga: sua marca. In: **Mínima mímica: ensaios sobre Guimarães Rosa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ROSA, J. G. **Sagarana**. 71ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

ROSA, J.G. **A hora e vez de Augusto Matraga**. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

SCHELER, Max. **Arrependimento e Renascimento**. Lisboa: Edições 70, 2018.

SOKOLOWSKI, Robert. **Introdução à Fenomenologia**. Tradução de Alfredo de Oliveira Moraes. São Paulo: Loyola, 2012.